que haja estímulos e que o aluno tenha habilidades de competências estimulados de forma contínua. Além disso é relevante que todo o conteúdo pedagógico seja abordado de maneira lúdica, contextualizado e direcionado para que a assimilação da criança seja significativa.

Por meio dos sentimentos que são expressados na escola e em seus lares é que a criança se desenvolve e aprende melhor, pois terá um melhor desempenho se ela se sentir amada, desse modo ficará à vontade para aprender e se relacionar interagindo com os colegas.

Muitos são os esforços praticados atualmente para adaptar o ensino às características individuais de cada aluno, mas, para isso deve ser considerada a individualidade desde o nascimento, as relações afetivas e educativas a que foram submetidos, a dimensão social e tecnológica e as relações sociais que estabelecem com os demais. Todos esses aspectos são importantes na construção integral do indivíduo. O educador é primordial na vida da criança em fase pré escolar, pois está em fase de formação o que inspira cuidados pedagógicos para que elas possam ter habilidades desenvolvidas de acordo com suas necessidades. Uma boa formação pedagógica é importante para que o aluno se sinta seguro e abrigado na escola de educação infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998. vol. I, vol. II.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. 4. ed. São Paulo: Gente, 2001.

KRAMER, Sonia (org.) Profissionais da educação infantil: Gestão e Formação.

São Paulo: Ática, 2005.

KUHMANN JR. Moysés. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998

MARCHAND, Max. A afetividade do educador. Tradução de Maria Lúcia Spedo

Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; Direção da Coleção Fanny Abromovich. São Paulo: Summus,1985

MUKHINA, Valéria. Psicologia da idade pré-escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEVERINO, A.J. A formação profissional do educador :pressupostos filosóficos e implicações curriculares. Ande, ano 1 número 17,1991.

LIBÂNEO, JC. Pedagogia e Pedagogos para quê?-8º edição. São Paulo, Cortez,2005 208p. (capítulos I e III,pg.17-34 e 61-96).

LIBÂNEO, JC. Organização e Gestão da Escola-Teoria e Prática-5 edição. Porto Alegre:Alternativa,2004. (capítulo II).

A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA NA EDUCAÇÃO

KÁTIA CRISTINA LEMOS DOS SANTOS PIMENTEL

RESUMO

Este estudo baseia-se na ciência que estuda o sistema nervoso e sua atuação no comportamento humano, seu enfoque é a aprendizagem, buscando relações entre os estudos das neurociências com conhecimentos da psicologia cognitiva e da pedagogia, por ser uma ciência transdisciplinar que estuda o sistema nervoso e a aprendizagem seu objetivo é promover a reintegração pessoal, social e educacional, ou seja, a neuropsicopedagogia. Esse conhecimento é primordial para o educador nos dias atuais, pois ele encontra muitos desafios ao adentrar em uma sala de aula e deparar-se com crianças e adolescentes que apresentam transtornos mentais, porque o mesmo não teve sua formação voltada para lidar com essas dificuldades. Ele precisa recorrer a diversas fontes que possam ajudar em sua prática docente para que possa auxiliar esses alunos. Observando esse tipo de problema vivenciado na unidade escolar, buscou-se auxiliar essas crianças e suas famílias a procurarem ajuda de profissionais da saúde mental e ao mesmo tempo, que esses profissionais pudessem orientar o professor quanto ao seu trabalho pedagógico, para que essas crianças e adolescentes pudessem acompanhar o processo de ensinoaprendizagem. Por ser uma preocupação global esse tipo de transtorno, faz-se necessário um olhar diferenciado para que esses alunos sejam inseridos em um ambiente educativo propício à aprendizagem e no qual eles sintam-se seguros e capazes de aprender.

Palavras chaves: Saúde Mental; Sala de aula; Professor; Criança e Adolescente.

ABSTRACT

This study is based on the science that studies the nervous system and its performance in human behavior, focusing on learning, seeking relationships between neuroscience studies with knowledge of cognitive psychology and pedagogy, being a transdisciplinary science that studies the nervous system and learning with the objective of promoting personal, social and educational reintegration, that is, neuropsychology. This knowledge is of paramount importance to the educator nowadays, as he encounters many challenges when entering a classroom and encountering children and adolescents with mental disorders, because he has not been

trained to deal with these difficulties. He needs to draw on a variety of sources that can assist him in his teaching practice so that he can assist these students. Based on the observation of this type of problem experienced in the school unit, it was sought to help these children and their families to seek help from mental health professionals and at the same time, that these professionals could guide the teacher about their pedagogical work, so that these children and adolescents could follow the teachinglearning process. Because this type of disorder is a global concern, it is necessary to have a differentiated look so that these students are inserted in an educational environment conducive to learning and in which they feel safe and able to learn.

Keywords: Mental Health; Classroom; Teacher; Child and Teenager.

INTRODUÇÃO

Ao falar em transtornos mentais da criança e do adolescente, pensa-se na criança desde o seu nascimento, onde há a necessidade do acompanhamento pediátrico conforme o seu crescimento, mas nas camadas mais humildes da nossa sociedade esse fato é praticamente nulo, pois os responsáveis só levam seus filhos ao posto de saúde quando apresentam um problema muito grave.

Com esse estudo busca-se repensar o papel de todos os envolvidos com a saúde mental de crianças e adolescentes, desde o pediatra.

No entanto, muitos profissionais desconhecem a importância de cada um na vida dessas crianças e adolescentes, e um contato mais minucioso com as famílias poderia identificar um problema emocional logo no início.

A infância e a adolescência são períodos de intensas atividades e transformações na vida mental da criança e do adolescente, por isso é preciso estar sempre atento às manifestações que são consideradas normais, porque elas podem ser confundidas com doenças mentais ou comportamentos inadequados.

É necessário avaliar com muito cuidado o comportamento de um adolescente ou uma criança antes de se diagnosticar o transtorno mental.

Sendo assim, o diagnóstico tem sido um grande desafio na prática clínica, pois a saúde mental infantil afeta todas as áreas do desenvolvimento, impactando na saúde física e mental também da família e contribuindo para diminuir o rendimento escolar da criança e do adolescente.

Diversos autores constataram uma grande relação entre a violência e problemas de saúde mental, observando ainda que há maiores ocorrências entre crianças e adolescentes que testemunharam violência doméstica e agressões físicas. A Educação lida com as particularidades do cérebro humano, principalmente quando se refere aos estímulos da aprendizagem, pois é sabido que é das funções cerebrais que vem as respostas para as diversas indagações da Pedagogia.

Assim, a neurociência tem muito a colaborar com as diversas áreas do conhecimento, surgindo então a Neuropsicopedagogia.

Conforme Boarini, além de não existir oferta suficiente que atenda crianças com necessidades de atenção especial em saúde mental, a maior parte do tempo desse profissional está voltada para atendimentos que, na maioria das vezes, não são tão necessários.

Assim, esse tipo de atendimento acaba por contribuir ainda mais para o crescimento dessa demanda que precisa da assistência psicológica.

Quando essa assistência atende crianças e adolescentes que apresentam dificuldades escolares, acaba por descobrir que esses problemas são apenas o início de outros que nem se imagina que existem, e esses precisam ser atendidos por um profissional especialista em saúde mental.

Por outro lado, há ainda uma grande dificuldade para que a criança e o adolescente sejam encaminhados aos serviços de saúde mental, o preconceito. Seja por parte dos pais e professores, como do próprio profissional, pois ainda são poucas as iniciativas na assistência a crianças e adolescentes que sofrem com transtornos mentais.

Sabe-se que um dos desafios na assistência à saúde mental é a necessidade do diálogo entre os diferentes saberes como a pedagogia, a psicologia e a medicina.

Com tudo isso, é fundamental levar em consideração os direitos dos cidadãos e as especificidades de atendimento, que até então são desconsiderados.

Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo, a evolução do pensamento e o conhecimento permitem a identificação de estágios universais pelos quais o pensamento evolui.

Esses estágios são o sensório-motor, o pré-operacional, o de operações concretas e o de operações formais.

Tratando-se do estágio de operações concretas ele dá início ao pensamento lógico quando a criança está entre os 7 e 12 anos de idade, nesse estágio a criança é capaz de raciocinar logicamente se tiver o apoio de objetos concretos, adquirindo noção de conservação e iniciando a noção lógica.

Já o estágio das operações formais, que se inicia na adolescência é marcado pela capacidade de abstração e levantamento de hipóteses, possibilitando o raciocínio científico.

Neste período há o amadurecimento das características adultas, e, o reconhecimento de que a realidade é nada mais que um conjunto de todas as possibilidades.

Para Piaget as mudanças no raciocínio dos adolescentes sobre si mesmos, seus relacionamentos pessoais e o caráter da sociedade em que vivem tem em comum o desenvolvimento dessa estrutura lógica chamada operações formais, pois o adolescente desenvolve a habilidade de formular conteúdos puramente abstratos.

Com isso, compreender seus atos e suas consequências inicia-se em torno dos seis aos sete anos, amadurecendo até o final da adolescência.

Para Rappaport (1981, p. 69):

[...] na visão de Piaget, a transição de um período para o outro necessariamente provoca um desequilíbrio temporário que, posteriormente, dá lugar a uma forma superior de raciocínio. Desta maneira, no início de cada nova etapa, verifica-se uma predominância da assimilação sobre a acomodação – o indivíduo incorpora a realidade às estruturas que já possui. Pouco a pouco, através de um processo gradual, as estruturas internas tornam-se adequadas à realidade, atingindo, assim, um equilíbrio maior.

Sendo assim, essa pesquisa possibilitou o estudo dos problemas de transtornos mentais e as formas de lidarmos com eles, auxiliando os educadores a identificarem tais problemas e conseguir encaminhar esses alunos aos profissionais adequados, proporcionando que esses alunos tenham melhores condições de acompanharem o processo ensino-aprendizagem sem se sentirem excluídos do ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

Transtornos mentais são comuns na infância e adolescência, vários são os fatores que envolvem o surgimento deles como fatores genéticos, ambientais e sociais, causando sofrimento ao indivíduo e aos que convivem com ele.

Esses transtornos contribuem para diversos problemas como mau rendimento escolar, comportamento, relacionamento com os pais, professores e colegas.

É sabido que desde o nascimento, a criança aprende e se desenvolve por meio das interações sociais, essas interações são muito importantes para o desenvolvimento físico e cognitivo tanto do bebê, como da criança.

A educação escolar tem então o papel de aprimorar os aprendizados adquiridos fora do ambiente escolar, proporcionando uma ação complementar para a família, pois durante seu percurso escolar, a criança pode apresentar características específicas que aos poucos definem suas habilidades e competências.

Este é o momento do docente que atua com a criança no dia a dia, em sala de aula, mostrar a sua importância, pois compete a ele a importante tarefa de observar e mediar o conhecimento, procedendo com intervenções necessárias e encaminhando a criança para diagnósticos mais precisos quando suspeitar de algum transtorno mais grave.

O olhar do professor sobre seu aluno é que pode intermediar a criança para um diagnóstico mais preciso. A observação do professor e o acolhimento a essa criança com transtornos mentais é de suma importância, pois a criança precisa se sentir incluída, não pode ficar fora da rotina de sala de aula. Porém, é importante se atentar ao currículo para essas crianças, adaptando-o para que a aprendizagem ocorra de forma potencialmente eficiente.

O currículo é um conjunto de práticas que tem como objetivo contribuir para o constante desenvolvimento e aprendizagem do estudante. Este currículo é construído a partir do Projeto Político Pedagógico da escola, como destaca o documento do MEC – Saberes e Práticas de Inclusão (2006, p.68):

Nessa concepção, o currículo é construído a partir do projeto pedagógico da escola e viabiliza a sua operacionalização, orientando as atividades educativas, as formas de executá-las e definindo suas finalidades. Assim, pode ser visto como um guia sugerido sobre o que, quando e como ensinar, o que, como e quando avaliar.

Temos muitos tipos de transtornos mentais que surgem na criança e no adolescente, são eles: transtornos alimentares, de humor, de ansiedade, de conduta, por uso de substâncias tóxicas, esquizofrenia e depressão.

Assim, precisamos conhecer um pouco mais sobre o que chamamos – criança normal – pois precisamos saber identificar pelo menos os mais comuns que são: a depressão e a ansiedade na infância para mais tarde conseguirmos identificar também os transtornos da adolescência.

A qualidade de vida da pessoa é atingida pela depressão, pois é um processo que evolui e provoca um desânimo profundo em relação ao futuro, insatisfação com a vida, levando ao isolamento.

Sendo assim, é mais fácil de identificar nos adultos, mas na criança ela se manifesta quando a mesma se queixa com mais frequência de dores em partes do corpo, de dificuldade para dormir, de ter pesadelos e medo, e começa a se isolar dos colegas.

Para tratar a depressão infantil é preciso recorrer à psicoterapia que é muito eficaz, na maioria dos casos. Quando o caso é mais grave há a necessidade também de ter o auxílio de medicamentos.

É muito importante que a família, o psicólogo e o pedagogo estejam em contato para que o tratamento seja realmente eficaz, pois estarão sempre trocando informações que serão importantes para o acompanhamen-

to e tratamento da criança. Quanto à ansiedade, geralmente ela se origina de um misto de sentimentos e sensações que precedem um acontecimento importante, e acabam por serem consideradas um sentimento normal, porém se persiste na vida da criança, torna-se um transtorno, causa baixa qualidade de vida e leva ao estresse.

Sua origem, geralmente vem devido aos conflitos familiares, devido às brigas e separações. E, na escola também podem acontecer, dependendo do modo como a criança se relaciona com seus colegas e seu professor.

A criança que apresenta esse transtorno demonstra preocupações fora dos padrões infantis, pois é muito agressiva, tem muito medo, além de demonstrar sintomas físicos como vômitos, dores de cabeça e diarreia.

A psicoterapia também é muito indicada para o controle da ansiedade infantil, e também a interação com o professor e os cuidados dos pais, sempre na medida certa, sem excessos.

A alta competitividade que se apresenta desde muito cedo na vida torna as pessoas mais propensas à angústia. E o que se nota com a medicalização excessiva dos pacientes é uma busca por adaptá-los ao contexto, ao invés de compreender as origens mais profundas e complexas dos sintomas.

Porém, a violência ainda é o maior fator de contribuição para o estresse e o surgimento desses transtornos, pois a família é o modelo para o aprendizado de padrões comportamentais, emocionais e sociais dos filhos.

Quando a violência está presente, a família atua como modelo negativo e gera comportamentos que prejudicam a interação social e a saúde mental das crianças e adolescentes.

Situações de violência física, abuso sexual e violência psicológica impactam no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança e do adolescente, e, isso reflete no comportamento em sala de aula.

Para Souza (1996), as emoções internas, sentimento de inferioridade, frustração e perturbação emocional impactam na autoestima e depressão. Esses problemas estão sujeitos à forma como suas dificuldades são vistas pelos pais e pelos educadores, pois o ambiente dominante no lar influencia a vida escolar das crianças.

A escola não deve rotular esses alunos, e sim focar em suas habilidades, porque quando se conhece o que o aluno tem de bom, abre-se uma porta para a construção de um vínculo positivo com as demais áreas de aprendizagem nas quais o aluno precisa se aprimorar.

O professor precisa focar em descobrir os talentos que esse aluno possui e incentivá-lo a desenvolvê-los.

Para Pacheco (1996), o desânimo e a desistência, em muitos casos, partem da sala de aula, pois as crianças, muitas vezes são avaliadas como alunos que não conseguem acompanhar a demanda de aprendizagem, sendo vistas apenas como não sendo o aluno ideal.

A escola, porém, não deve estar focada no aluno ideal, pois não vivemos em um mundo ideal e não há sociedade nem ser humano ideal. Somos seres em constante aprendizado e crescimento.

Sendo assim, a dificuldade de aprendizagem não é um problema só do estudante, é um problema da escola e da família também.

Após esses estudos, entendendo que os principais problemas encontrados em crianças e adolescentes são os que nascem no ambiente familiar e escolar, é preciso um trabalho diferenciado que chegue até os pais das crianças que apresentam algum tipo de transtorno.

Buscou-se então algumas diretrizes para que os educadores pudessem se apoiar e selecionar as que mais se apropriassem ao caso do aluno, pois essas diretrizes são globais.

Rochael (2009) mostra-nos algumas diretrizes que podem ser usadas pelo professor no dia a dia com as crianças ou adolescentes que apresentam transtornos que afetam a aprendizagem.

Porém, não se trata de uma receita de sucesso, e sim de um norte para que o professor faça as adaptações necessárias, de acordo com o que ele conhece de seu aluno, sendo assim, o professor deve evitar:

Para ROCHAEL (2009, p. 3):

Ressaltar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais; mostrar impaciência com a dificuldade expressada pela criança ou interrompê-la várias vezes ou mesmo tentar adivinhar o que ela quer dizer completando sua fala; - corrigir o aluno frequentemente diante da turma, para não o expor; - ignorar a criança em sua dificuldade.

Mas, o professor deve adotar outras atitudes, tais como:

Não forçar o aluno a fazer as lições quando estiver nervoso por não estar conseguindo; explique a ele suas dificuldades e diga que está ali para ajuda-lo sempre que precisar. Evitar que o aluno se sinta inferior; considerar o problema de maneira serena e objetiva; avaliar o desempenho do aluno pela qualidade de seu trabalho; proponha jogos na sala; não corrija as lições com canetas vermelhas ou lápis; procure usar situações concretas nos problemas.

É preciso que o professor reflita sobre as causas dos problemas de aprendizagem de seus alunos não para se culpar, mas para poder ajudá-los a minimizar esses problemas.

Trabalhar em parceria com os profissionais da saúde, incluindo o neuropsicopeda-

gogo é muito importante, pois quando conseguimos identificar o problema e encaminhar essas crianças e adolescentes aos profissionais adequados, a parceria se estabelece e o aluno tem uma melhora considerável.

O desejo do educador é que seus alunos acertem sempre, por isso é preciso mudar nosso olhar sobre as dificuldades de aprendizagem, pois essas dificuldades nos mostram como esses alunos pensam e como conseguiram absorver o que foi passado, levando-nos a identificar possíveis transtornos que eles apresentam, e, que, muitas vezes, passam despercebidos.

A linguagem usada em sala de aula também é um aspecto a ser pensado, pois a diferença de cultura entre os estudantes e o professor pode causar conflito e dificuldade de comunicação e consequentemente dificuldade em identificar os problemas desses estudantes.

Para Vygotsky (1993), todos os seres humanos são capazes de aprender, mas é necessário adaptar a forma de ensinar do professor.

Sabe-se que a apropriação da cultura intelectual se dá por processos de aprendizagem mediada. E, conforme Vygotsky (1991), aprender possibilita o despertar de processos internos do indivíduo, fazendo a ponte entre o desenvolvimento do sujeito com seu entorno sociocultural.

Segundo Vygotsky (1991, p. 101):

Aprendizado não é desenvolvimento, entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Sendo assim, além do psicopedagogo estudar as características da aprendizagem, o processo de ensino e de onde se originam os problemas na aprendizagem, o neuropsicopedagogo frente aos seus conhecimentos pode elaborar relatórios para encaminhar as crianças ou adolescentes com distúrbios mentais para o neurologista, pediatra e psiquiatra, caso seja necessário, auxiliando na identificação do diagnóstico.

Na escola ele irá auxiliar os pais a entenderem o problema de seus filhos e o tipo de trabalho que será desenvolvido para o tratamento e as intervenções necessárias, mostrando à família que este é o principal agente de sucesso na intervenção.

Esse trabalho será feito sempre de forma interdisciplinar com a presença do Coordenador Pedagógico, do professor e, caso haja na escola, do especialista.

Para que o sucesso ocorra é preciso também que os educadores mantenham junto a seus alunos relações de cordialidade, afeição, simpatia, de maneira que possam motivar esses alunos, fazendo-os sentirem-se estimulados a aprender.

Para Paulo Freire e Shor (1987, p. 171), essa interação é muito importante entre os educadores e os alunos, pois facilitará o processo de aprendizagem:

(...) a questão da linguagem, isto é, o idioma com o qual o professor fala para seus alunos...as diferenças entre linguagem e a linguagem dos alunos...seriam um obstáculo ao diálogo. (...) o abismo entre a linguagem de alunos...e a de seu professor é grande.

Assim, é de fundamental importância que o professor desenvolva propostas que busquem alcançar a criança e o adolescente em sua essência, propondo situações de ensino e aprendizagem com o foco e direcionamentos eficientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe receita pronta para tratarmos os problemas de aprendizagem, sejam eles transtornos mentais ou apenas dificuldades momentâneas, pois o transtorno é de origem neurológica e a dificuldade de origem pedagógica. Contudo é possível pensarmos em estratégias que poderão contribuir para o avanço cognitivo e comportamental desse grupo de crianças e adolescentes que passam por esses problemas.

Ao realizar esse trabalho, ficou bem claro de onde surgem os problemas de transtornos mentais e de aprendizagem, e que qualquer problema, desde uma simples discussão até atos de violência doméstica prejudicam o desenvolvimento da criança. É nossa responsabilidade enquanto educadores, observar, perceber e amenizar esses problemas, pois somos um canal que levará a essas crianças a possibilidade de um bom desenvolvimento, desde o trato com a família, a encaminhamentos para especialistas.

Precisamos estar preparados para lidar com situações diversas encontradas na escola, refletindo sobre a importância da afetividade, de modo que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados, e que os professores possam saber ouvir, dialogar e apoiar esses alunos para que busquem superar suas dificuldades, pois, muitas vezes, o carinho e a atenção que tem é só o que recebem na escola.

É necessário ainda conscientizarmos as famílias, que, mesmo sendo preciso trabalhar fora o dia todo, ainda assim, tem-se que dispensar um tempo para o diálogo com os filhos, saber como foi seu dia e quais são suas angústias.

A família é peça chave e primordial na